

## O TRABALHO NO CENÁRIO SOCIAL CONTEMPORÂNEO E OS IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL DO INDIVÍDUO DESEMPREGADO

### WORK IN THE CONTEMPORARY SOCIAL SCENARIO AND IMPACTS ON THE UNEMPLOYED INDIVIDUAL MENTAL HEALTH

Joyce Fernandes de Oliveira<sup>1</sup>

Matheus Alves Gomes<sup>2</sup>

Wedison Ramos Macedo<sup>3</sup>

Fabiana Davel Canal<sup>4</sup>

#### RESUMO

O país vive uma crise sem precedentes, em que o desemprego tem impactado a vida de milhões de brasileiros. Em Cachoeiro de Itapemirim-ES estima-se que no primeiro semestre de 2018 foram fechados 303 postos de trabalho, o que coloca a cidade em segundo lugar no *ranking* estadual de nível de desemprego segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) e Instituto de Desenvolvimento Educacional e Industrial do Espírito Santo (IDEIES). Diante de tal realidade procuramos através dessa pesquisa identificar o perfil do desempregado na cidade citada, faixa etária, gênero, tempo de desemprego entre outras questões. Além disso, buscamos compreender as relações estabelecidas por esses indivíduos com o trabalho, e quais impactos o desemprego traz as suas vidas.

**Palavras-chave:** Desemprego. Trabalho. Saúde Mental.

#### ABSTRACT

The country is facing an unprecedented crisis, in which unemployment has impacted millions of Brazilians. In Cachoeiro de Itapemirim - ES it is estimated that 303 jobs were closed in the first half of 2018, which places the city in second position in the statal ranking of unemployment according to the Ministry's General Cadastre for Employed and Unemployed (CAGED) and the Institute of Educational and Industrial

---

<sup>1</sup> Psicóloga. Ex-aluna voluntária da Multivix Cachoeiro de Itapemirim.

<sup>2</sup> Psicólogo. Ex-aluno bolsista FAPES da Multivix Cachoeiro de Itapemirim.

<sup>3</sup> Aluno de Psicologia da Multivix Cachoeiro de Itapemirim. Bolsista FAPES.

<sup>4</sup> Psicóloga. Mestre em Psicologia Institucional (UFES). Especialista em Psicologia Social (CFP). Professora orientadora pela Multivix Cachoeiro de Itapemirim.

Development of Espírito Santo (IDEIES). In such a reality we seek through this research to identify the unemployed's profile in the city mentioned above, age group, gender, duration of unemployment, as well as other relevant questions. In addition, we seek to understand the relationships between these individuals and the work and the impacts that unemployment brings on their lives.

**Keywords:** Unemployment. Work. Mental Health.

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 A Construção Social do Trabalho

O trabalho ao longo do tempo já possuiu muitos significados, inclusive o de castigo. Entretanto, com a evolução e o estabelecimento da cultura capitalista e consumista, o ofício passou a ser visto como um caminho necessário para adquirir bens e estabelecer padrões de vida, além disso, “o trabalho é rico de sentido individual e social. É o meio de produção da vida de cada um, criando sentidos existenciais ou contribuindo na estruturação da personalidade e da identidade” (BORGES; TAMAYO 2001, apud PINHEIRO; MONTEIRO, 2007, p. 36).

Trabalhar é sinônimo de produção, tornar-se útil na produção do capital social. Desta forma, aquele que produz possui um papel essencial na sociedade e o mérito por tal papel executado faz com que o indivíduo desenvolva sentimentos de independência e até mesmo “empoderamento”, uma vez que este é detentor de um capital, resultado de seus esforços. Este retorno, por sua vez, exerce um papel muito além do tradicional sustento familiar. Assim,

O trabalho passa a ser a via de acesso para o lugar social, pois o sujeito só tem o reconhecimento de sua existência, caso produza. Entretanto, quando já não é mais produtivo a sua locação deixa de existir, pois não tem mais como pagar o aluguel social (WICKERT 1999, apud PINHEIRO; MONTEIRO, 2007 p. 36).

### 1.2 Desemprego e Prejuízos à Saúde Física e Mental

O fator emprego é extremamente importante, tanto na dimensão social, quanto na financeira. Devido a atual crise econômica, aliada às novas tecnologias, leis de

mercado, modos de gestão, entre outros, tem sido menos ofertado, trazendo maior aumento do desemprego e a relevância desta problemática que se tornou “[...] a maior questão política do mundo desde as últimas décadas do século XX [...]” (LUDEMIR, 2008, p. 455).

A situação de não estar empregado promove nos indivíduos comportamentos variados como forma de defesa frente à sua ‘não participação ativa na sociedade’ ou como tentativa de resolução do problema, sendo estes o “[...] isolamento social, abuso de álcool e outras drogas, conflitos no âmbito familiar e social, apego exagerado ao esporte ou religião, envolvimento com a criminalidade ou opção por trabalho informal” (GIATTI; BARRETO; CÉSAR, 2008; SANTOS, 2008; TERRA, CARVALHO; AZEVEDO, 2006; ARGOLO; ARAÚJO, 2004; TUMOLO L.; TUMOLO P., 2004; LIMA; BORGES, 2002 apud BARROS; OLIVEIRA, 2009, p. 90).

Concomitante aos comportamentos descritos há a manifestação de sentimentos como “[...] desespero, perda de esperança, revolta e desorientação, pânico e vergonha, fracasso, inutilidade, incompetência, abandono e impotência” (TUMOLO; TUMOLO, 2004; MOURA, 2001 apud CHAHAD; CHAHAD, 2005, p. 191).

Portanto, torna-se necessário uma intervenção dos profissionais de psicologia e outras áreas da saúde a fim de lidar com o possível arranjo entre os comportamentos e sentimentos dos indivíduos desempregados que podem evoluir para quadros como “[...] gastrite, úlcera, desenvolvimento de cânceres, fadiga, síndrome do pânico, depressão, fobia social, ansiedade, entre outros” (SILVA, 2006 apud PINHEIRO; MONTEIRO, 2007, p. 41).

Assim, uma pesquisa abordando saúde mental e desemprego justifica-se tendo em vista que, nos últimos anos, nosso país tem passado por uma crise econômica sem precedentes e, em consequência desta, o desemprego tem aumentado consideravelmente.

Uma breve visita aos estabelecimentos de recrutamento de pessoas comprova o grande número de cidadãos em situação de desemprego. Em números, por exemplo, a cidade de Cachoeiro de Itapemirim – ES é a segunda cidade com maior índice de

desemprego no Estado do Espírito Santo, segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) e analisados pelo Instituto de Desenvolvimento Educacional e Industrial do Espírito Santo (IDEIES). No ano de 2018, foram 303 postos de trabalho fechados.

Diante dessa realidade, já muito estudada por outras áreas como a sociologia e a economia, por exemplo, decidiu-se verificar como o desemprego afeta a saúde mental do indivíduo e quais relações ele estabelece com o trabalho.

Se o desemprego por si só já é um problema, principalmente de ordem econômica, propomos um olhar mais direcionado aos indivíduos, que muito mais que números estatísticos, representam uma vivência subjetiva da situação do desemprego. Em outras palavras buscamos “humanizar o desempregado”.

Este trabalho tem como objetivo geral identificar as relações que os desempregados estabelecem com o trabalho, os sentidos que estes atribuem a ele e como a privação/ausência de trabalho remunerado impacta a saúde desses indivíduos, além disso:

- Verificar quais são as queixas mais comuns referentes à saúde mental e física tendo como consequência o desemprego;
- Analisar se existe uma relação causal entre o desemprego e saúde mental;
- Coletar os dados dos indivíduos desempregados;
- Identificar como os indivíduos lidam com o desemprego;
- Compreender as dimensões que permeiam a situação de desemprego, e como a mesma, transpassa o indivíduo desempregado em seu contexto familiar e socioeconômico, interferindo em seu comportamento social e contribuindo para o sofrimento psicológico.

## **2 METODOLOGIA**

A metodologia adotada nesta pesquisa constituiu-se de entrevista semiestruturada, composta por 21 perguntas fechadas e abertas. A coleta do material foi realizada em

dois lugares: num primeiro momento na porta da Agência de Trabalho e Emprego de Cachoeiro de Itapemirim - ES (SINE), na qual abordamos os trabalhadores que se dirigiam até lá para procurar emprego, e posteriormente, em uma empresa de gestão de pessoas, especializada em recrutamento e seleção de pessoas na mesma cidade.

Ao todo obtivemos 53 entrevistas, com pessoas entre 18 a 53 anos, de ambos os sexos. Não escolhemos nenhum público específico, mas todos desempregados que se dirigiam e que concordavam ao SINE ou à empresa de gestão de pessoas foram entrevistados, mediante assinatura de termo de consentimento livre e esclarecido.

Foram levantadas questões como: predominância do gênero em situação de desemprego, idade, escolaridade, qualificação, profissão, tempo de desemprego, papel que ocupa na família, contexto familiar e socioeconômico, sentido do trabalho e saúde e desemprego, dentre outras.

Buscou-se, nas entrevistas, entender o contexto familiar e socioeconômico, adentrando nas implicações do trabalho no âmbito familiar e como sua falta altera esta dinâmica; nas consequências na saúde mental da pessoa em situação de desemprego; além do entendimento de que maneira os indivíduos entrevistados veem o trabalho, que tipo de relação estabelecem e que sentidos atribuem a ele.

A compilação dos dados foi baseada em uma análise quantitativa e outra qualitativa. Assim, após a transcrição, transformamos os dados obtidos em estatísticas, para que se tornasse mais clara a relação entre o que os autores que versam sobre o tema propõem e a realidade encontrada em no município citado. Concomitantemente com a análise estatística, procedeu-se também com a categorização das informações, procedida pela análise de conteúdo, em que analisamos as mensagens transmitidas nas entrevistas exaustivamente, de forma a entender como o discurso produzido é fruto do contexto social que atravessa o indivíduo (OLIVEIRA, 2008).

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

#### 3.1 Contexto Familiar e Socioeconômico

Ao analisarmos o atual cenário do mercado de trabalho, torna-se imprescindível citar as mudanças que permeiam o cenário social contemporâneo, como por exemplo, o aumento considerável de mulheres que passaram a compor o papel de chefia familiar. Destacamos que, ao iniciar nossas entrevistas, o primeiro bloco foi composto por dados como: idade, sexo, escolaridade, dentre outros, a fim de compreender como é público que compõe o cenário do desemprego e qual a correlação com o as mudanças sociais que tem ocorrido em nosso cotidiano.

Segundo Galeazzi (2001), a participação feminina no mercado de trabalho, é aparente deste o período da Indústria Têxtil, motivada por diversos fatores, como por exemplo, a necessidade econômica. Contudo, ainda segundo a autora aponta, há certa exposição feminina quando se aborda a temática desemprego, como dito por Galeazzi (2001):

Praticamente todos os indicadores do mercado de trabalho demonstram que as mulheres se inserem na atividade econômica em clara desvantagem: estão mais expostas ao risco do desemprego suas taxas são mais elevadas do que as dos homens (GALEAZZI, 2001, p. 62).

Ainda seguindo a literatura, encontram-se autores que pontuaram a invisibilidade do desemprego feminino, trazendo como consequência uma durabilidade maior do gênero em situação de desemprego (AQUILINI; COSTA, 2003). No entanto, a realidade encontrada em nossa pesquisa mostrou uma equivalência entre os sexos no que tange o público desempregado, sendo o público, que foi escolhido de forma aleatória, foi aproximadamente 49% de homens e 51% de mulheres.

Frente tais resultados, destaca-se que tal fenômeno encontra-se correlacionado ao engajamento das mulheres no mercado de trabalho, sendo este peculiar a cada região, conforme disposto no trecho:

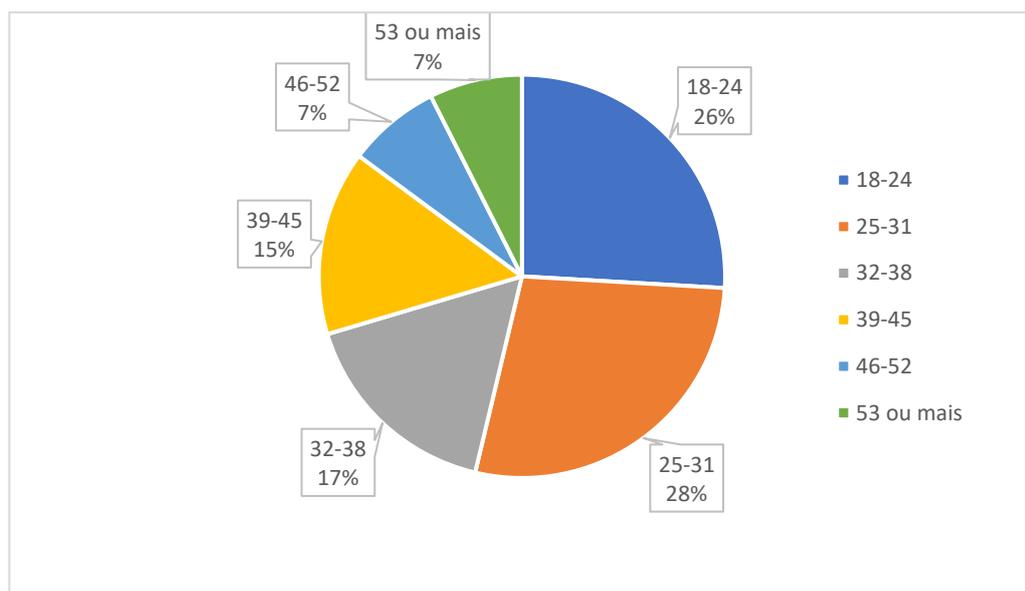
As mulheres apresentam um risco de desemprego muito mais elevado do que o dos homens em diversos países do sul da Europa – Itália, Grécia e Espanha, assim como na Bélgica e na França. Embora as mulheres ainda

estejam em desvantagem, a diferença é bem menor em países como a Dinamarca, Alemanha, Portugal e Irlanda. Inversamente, na Suécia e no Reino Unido, os homens são mais afetados pelo desemprego do que as mulheres. O efeito dessas diferentes taxas de desemprego por gênero na composição da população desempregada depende, em parte, do nível de participação das mulheres no mercado de trabalho (GALLIE; PAUGAM, 2000, p. 2 e 3).

Assim, o cenário do trabalho tem remodelando-se ao longo dos anos, sendo este reflexo das atualizações que o contexto familiar também vem sofrendo. Desta forma, Freyssinet (1991), traz luz à reflexão de como a situação de desemprego é vivida por cada faixa etária, além do fato de que dada a demanda da população, os empregadores passaram a adotar uma postura mais seletiva frente aos candidatos às vagas, exigindo elevados níveis de qualificação.

Além das mulheres que adentraram o mercado de trabalho em razão das diversas mudanças no mesmo e a nova dimensão do papel da mulher na família, antes “do lar” e agora chefe de família, observam-se grandes transformações quanto à composição do maior público desempregado. Em nossa pesquisa encontramos jovens, com faixa etária de 25 a 31 anos, são os que apresentaram maior percentual de desemprego (28%), seguidos por jovens de 18 a 24 anos (26%), conforme demonstram dados do gráfico 1.

Gráfico 1 – descrição dos participantes por faixa-etária



Fonte: pesquisa dos autores

De acordo com Rocha (2007) tal mudança pode atribuir-se ao fato de que devido à necessidade de contribuição na renda familiar, os jovens têm buscado primeiro uma colocação no mercado de trabalho e posteriormente qualificação profissional, o que desencadeia um ciclo excludente dessa população com taxas elevadas de desemprego, em razão da falta de experiência e de baixa profissionalização.

As mudanças citadas no perfil dos maiores públicos buscando inserção no mercado de trabalho - jovens e mulheres - evidenciam as mudanças que as famílias vêm atravessando em razão dos fatores econômicos e sociais, o que promove a troca de papéis nos lares, onde, por vezes, a mulher torna-se chefe de família e os filhos passam a contribuir diretamente na renda familiar. Tais evidências promovem diversos impactos na saúde mental dos indivíduos e famílias em que um ou mais de seus membros encontram-se em situação de desemprego, provocando diversas implicações a saúde mental dos mesmos, conforme explícito no próximo tópico desta análise.

### **3.2 O Homem e o Sentido do Trabalho**

A partir desse momento tentaremos entender como os indivíduos do recorte da entrevista enxergam o trabalho, que tipo de relação estabelecem e que sentidos atribuem a ele.

O fator emprego é extremamente importante, tanto na dimensão social, quanto na financeira. Devido a atual crise econômica, aliada às novas tecnologias, às leis de mercado, aos modos de gestão, entre outros fatores, como já mencionamos, tem acontecido o aumento dos índices de desemprego. Por consequência atribui-se tamanha relevância a esta problemática que se tornou “[...] a maior questão política do mundo desde as últimas décadas do século XX [...]” (LUDEMIR, 2008, p. 455).

A partir dessa questão Ribeiro (2009), Tolfo e Piccinini (2007) debruçaram-se em tentar compreender as relações que o homem estabelece com o trabalho. Ribeiro (2009) compreende essa relação através de três dimensões, a dimensão existencial, socioeconômica e psicossocial (as quais trataremos abaixo).

Segundo o autor, a dimensão existencial é a possibilidade de uma existência ativa através do trabalho, de construir um mundo e estabelecer relações. Dentro desse espectro existencial, o trabalho pode ser dividido em mais três dimensões: 1) o trabalho propriamente dito, a atividade laboral, 2) produção de bens e 3) a ação que constitui a construção subjetiva e social (ARENDDT, 1987 apud RIBEIRO, 2009).

A dimensão socioeconômica segundo Ribeiro (2009) compreende a relação de transformação ocorrida entre o homem e o trabalho, que produz o homem e a sociedade. É através dessa dialética que o homem se eleva como ser social, constituindo sua identidade e subjetividade. Nesse sentido, Tolfo e Piccinini (2007) reforçam o caráter socioeconômico do trabalho. Segundo eles é a partir do trabalho que o homem se torna capaz de subsistir, sobreviver e dar significado ao mundo.

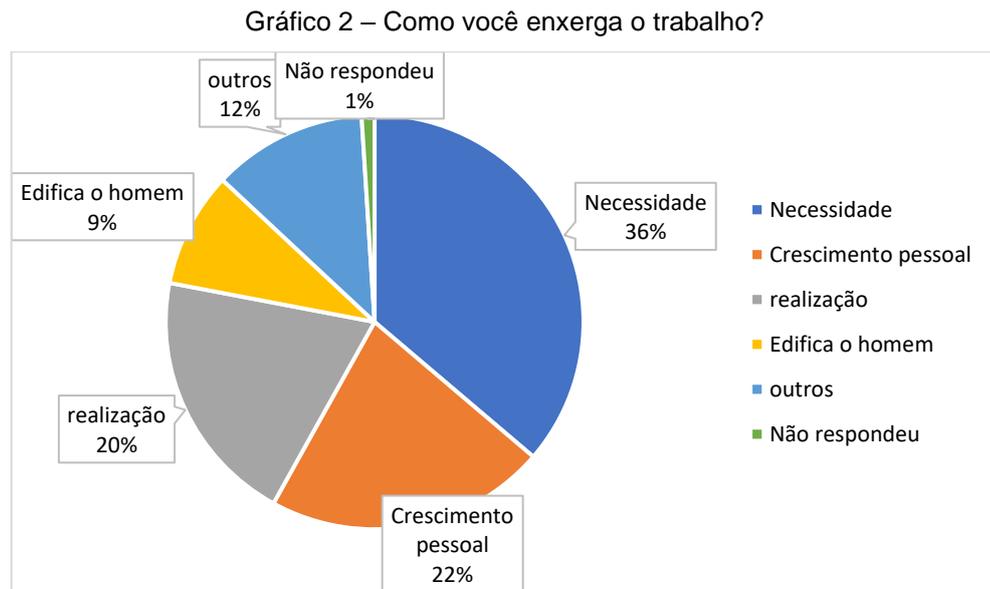
Por fim a dimensão psicossocial diz respeito ao trabalho como mediador entre homem e natureza. Essa relação permite o acesso à produção e a emancipação humana, sendo elemento central na construção da identidade e reconhecimento social (RIBEIRO, 2009).

Antunes em seu livro “Os sentidos do trabalho” (2009) reforçam essa divisão do trabalho em dimensões. Segundo ele, o trabalho, num primeiro momento, tem sua utilidade voltada à sobrevivência humana, onde ocorre a transformação de objetos naturais em coisas úteis. Mais tarde acontece a dinâmica da origem a práxis social. Desenvolve-se, com isso, a relação com outros seres sociais e, a partir dessas relações, as identidades coletivas e individuais são construídas.

Segundo o mesmo autor “O trabalho é a forma fundamental, mais simples e elementar daqueles complexos, cuja interação dinâmica constitui-se na especificidade do ser social” (ANTUNES, 2009, p. 141).

Podemos utilizar essa caracterização como uma lupa sobre como os trabalhadores entrevistados relacionam-se com seu trabalho. Conforme gráfico abaixo (gráfico 2), a grande maioria vê o trabalho como fonte de renda, forma de subsistência, de onde retiram recursos para sobreviver. É essa dimensão a mais afetada e também gatilho pra ansiedade, depressão e etc. Também pode-se perceber a necessidade de sentir-

se produtivo e útil., Assim, alguns ressaltaram o fato de não conseguirem ficar sem fazer nada, além de ao não terem atividades sentem-se ansiosos, o que reforça esse caráter existencial que Ribeiro (2009) salienta, que permite na relação com o trabalho produzir (dinheiro, bens, entre outros) e se produzir (identidade, subjetividade, relações sociais, entre outros) nesse jogo dialético.



Fonte: pesquisa dos autores

Dentro do jargão popular de que “o trabalho dignifica o homem”, foi possível identificar o papel central que este ocupa na vida das pessoas, não só do aspecto existencial, da necessidade que o modelo econômico atual impõe, mas também como dispositivo que permite ao homem emancipação e reconhecimento. Não trabalhar, estar desempregado, representa a perda de identidade. Nas palavras de alguns entrevistados *"sem trabalho eu não sou homem"* (E49), *"me sinto incapacitado sem um emprego"*(E29), *"sem emprego eu não sou nada"* (E30), *"me sinto inferior sem emprego"*(E14).

Durante as entrevistas, pode-se observar através da pergunta *"como você enxerga o trabalho"* a importância que este ocupa na vida do sujeito para além de uma forma de sobrevivência (gráfico 3). De acordo com alguns entrevistados o trabalho representa *"Um pouco de orgulho, satisfação, segurança, estabilidade"* (E11); *"Eu acredito que o trabalho edifica o homem, não sei te explicar"* (E14).

### 3.3 O Desemprego e a Saúde Mental

A situação de desemprego e os impactos negativos na saúde mental são fatores correlatos. Em razão daquele, perde-se o lugar social de sujeito produtivo na sociedade através de um processo socialmente construído - e por vezes velado - de descrédito ao sujeito não empregado, o que desencadeia inúmeros sentimentos, percepções e emoções que alteram o comportamento, geram sofrimento e em muitos casos levam ao adoecimento do homem (PINHEIRO; MONTEIRO, 2007).

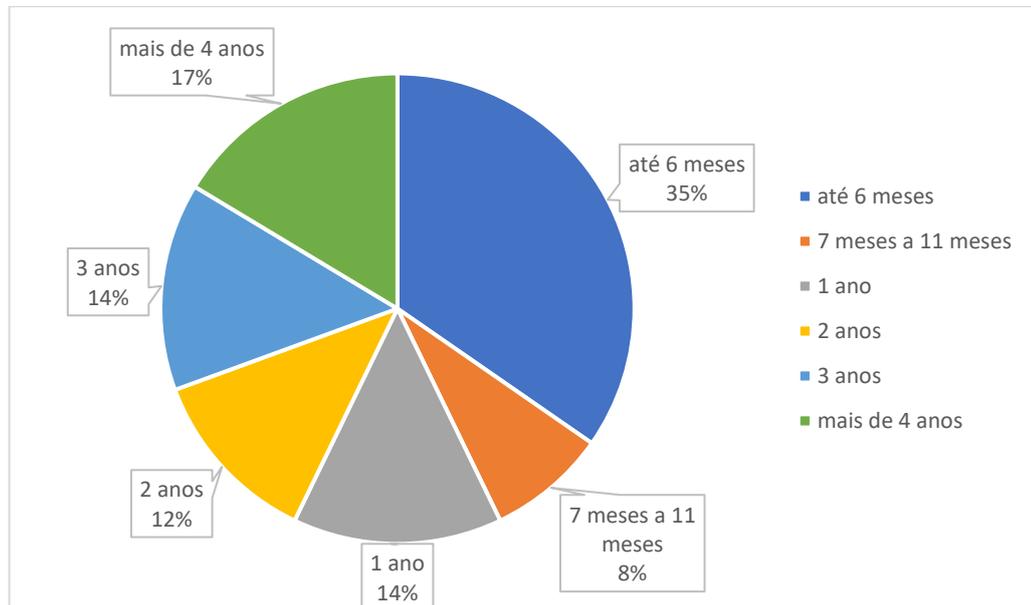
Mediante a perda do lugar social, são desencadeados diversos processos na saúde mental do sujeito, que também são influenciados por outros fatores sociais (SANTOS; SANTOS, 1993). Desta forma, faz-se necessário pensar o ciclo transacional do desemprego.

Podemos descrever esse caminho da seguinte maneira: em um primeiro momento o sujeito fica em estado de choque ao receber a notícia do desemprego e não consegue planejar seu futuro. Essa fase é acompanhada por sentimentos e pensamentos que tendem a minimizar a nova realidade que traz e exige dele, como o otimismo e a crença de que ele logo encontrará um novo emprego, mesmo em tempos de elevados níveis de desemprego. Com o passar do tempo, a dificuldade de encontrar um novo emprego, e sua nova situação econômica (prejudicada), leva-o a encarar a sua nova realidade e entrar em depressão. Nesse momento, o otimismo se transforma em pessimismo, trazendo consigo ansiedade e sofrimento psicológico. Sem saída, ele começa a testar novos comportamentos e atitudes perante sua situação e vai construindo uma nova percepção de si, do mundo, construindo uma nova identidade. No final desse caminho está a recolocação, que alivia o sofrimento ou mesmo um desenlace traumático (CHAHAD; CHAHAD, 2005, p. 188)

No curso das entrevistas, observa-se que 35% dos entrevistados encontram-se desempregados há no máximo 6 meses, o que pode considerar “recente” em vista de outros sujeitos entrevistados que estão desempregados há mais de 4 anos (17%) (gráfico 3). Entretanto, mesmo encontrando-se em fases diferentes do ciclo transacional do desempregado, as respostas dos participantes desempregados de 6 a 8 meses já demonstram quadros como insônia, ansiedade e dermatite, evidenciando os impactos nocivos à saúde mental dos entrevistados desempregados, independentemente do tempo em que se encontram em tal situação. Estes quadros de saúde apenas reforçam as consequências para a saúde mental em razão da

supervalorização social do emprego e as consequências mediante a ausência deste (BRAGA, 1999).

Gráfico 3 – Quanto tempo desempregado?

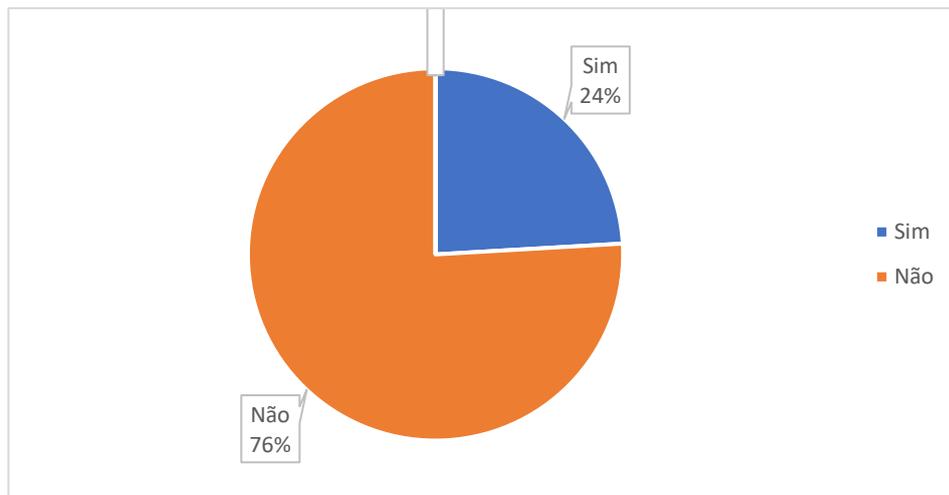


Fonte: pesquisa dos autores

A partir da questão “*Como você se sente em relação do desemprego*” os participantes descreveram sentimentos como inutilidade, tristeza (E24), desespero (E13), frustração (E8), para baixo (E27) Estes sentimentos, de acordo com Moura (2001), aparecem no início do ciclo do desemprego e podem perdurar durante todo este período, acrescidos também de sentimento de vergonha, culpa, medo do futuro e abandono, entre outros.

Os sentimentos e emoções que se desenvolvem durante o período de desemprego podem influenciar diretamente no desenvolvimento de doenças mentais, muitas delas psicossomáticas, como a ansiedade excessiva e insônia. Entretanto, a maioria dos entrevistados relata durante a pergunta “*Você desenvolveu algum tipo de doença após o desemprego*”, a ausência de doenças relacionadas à falta de trabalho (76%) (gráfico 4).

Gráfico 4 - Desenvolveu algum tipo de doença após o desemprego?



Fonte: pesquisa dos autores

Porém, numa análise mais atenta, possível pelas questões abertas, na questão “*Como você se sente em relação do desemprego*” os sujeitos trazem indícios da fragilização de saúde mental em diferentes formas através de relatos como “*sinto vontade de matar e morrer*” (E30) “*semana passada tive uma crise de ansiedade*” (E44) o que evidencia a possibilidade do não reconhecimento da maioria da população entrevistada de quadros de doença desenvolvidos mediante a situação de desemprego, bem como a possibilidade de outros agravos à saúde em consequência do mesmo.

Os impactos do desemprego na vida desses indivíduos vão muito além do econômico. Uma pesquisa realizada pelo SPC Brasil (Serviço de Proteção ao Crédito) em 2018 constatou que 63% dos desempregados sofrem alterações quanto ao estresse e nervosismo e 58% se sentem angustiados e deprimidos. Os dados da pesquisa refletem a realidade encontrada por nós nas entrevistas com os desempregados. Embora apenas 24% dos nossos entrevistados afirmem ter desenvolvido alguma doença após o desemprego, como já apontamos, a grande maioria afirma se sentir ansioso, triste ou desmotivado, não associando esses sentimentos a alguma doença.

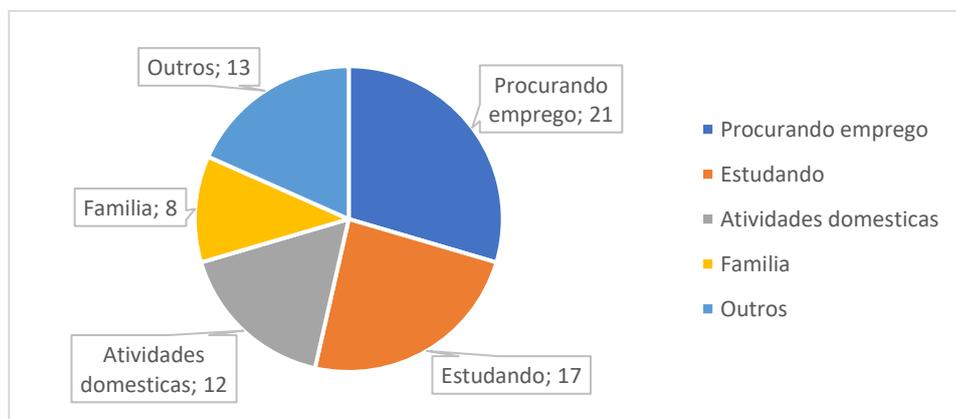
Além dos fatores já citados, um dos grandes impactos na saúde mental advém da mudança nas relações familiares e os possíveis desdobramentos decorrentes destes quando um membro se encontra desempregado. De acordo com Caldana e Figueiredo (2002), crescem os conflitos familiares em razão da perda do poder

aquisitivo e do “*status social*” de sujeito trabalhador, como se observa no relato de alguns entrevistados: “*Atrapalha um pouco né, a mente de pessoas idosas como a minha mãe sempre pensa coisas, coisas contrariadas*” (E2); “*não, quer dizer sim, gerou muita briga, tem que economizar, sabe como elas são né?*” (E28); “*alterou, com a família, depender do pai da mãe*” (E36).

Durante todo o ciclo do desemprego a busca por atividade ocupacional constitui-se, segundo Azevedo (1998), em fator importante para a saúde mental, pois, além de ajudar na manutenção da esperança de uma recolocação no mercado de trabalho, ela possibilita que socialmente o indivíduo seja visto como “batalhador”, “esforçado” livrando-o de estereótipos como “malandro”, “preguiçoso”, entre outros. Através de respostas a pergunta “*Como você utiliza o tempo livre*” observa-se tais constatações “*Eu saio pra correr atrás, igual tô fazendo agora, na parte da manhã às vezes, e por meio de telefone e os meios de comunicação*” (E15).

Estar sempre à procura de um emprego é a única forma das pessoas nessa situação conseguirem lidar com o desemprego. A condição *sine qua non* do desempregado é procurar desenfreadamente por postos de trabalho, é seu único papel legitimado (KAUL & KVANDE, 1991; SILVA, 2006; APUD PINHEIRO E MONTEIRO, 2007). Essa condição pode ser verificada em 21 participantes da pesquisa, no qual responderam que utilizavam seu tempo ocioso procurando emprego.

Gráfico 5 – Como você utiliza seu tempo livre?



Fonte: pesquisa dos autores

Outro ponto importante nesse sentido é o quanto estar empregado é no que tange ao reconhecimento dos outros, principalmente - no grupo de entrevistados - em adolescentes à procura do primeiro emprego, duas respostas destacam-se quanto a isso: *"minha mãe começa a pensar coisas, coisas contrariadas (E2)"; "as pessoas começam a pensar que sou indigente pois não trabalho (E23)".*

O trabalho ocupa posição central na vida do indivíduo, como forma de sobrevivência, de base para construção de identidade, de mundo, das relações sociais, como vimos acima. Nesse sentido, é de se esperar que o desemprego acarrete consequências, não apenas materiais e econômicas, mas também na saúde e aspectos subjetivos. Pereira e Brito (2006) (apud CALDAS, 2000) trazem reflexões sobre os impactos do desemprego na subjetividade. Os autores afirmam a existência de uma ligação psíquica entre trabalhador e trabalho. Para eles, estar trabalhando é uma forma de atenuar as angústias e incertezas, pois, no trabalho, o indivíduo sente-se protegido diante das contingências humanas. Além disso, a convivência em grupo reforça sua identidade e reconhecimento social.

Diante do desemprego esses indivíduos perdem sua identidade social, sua temporalidade, no que diz respeito a ter seu tempo preenchido pelas tarefas do trabalho, mergulhando em incertezas, tédio, angústia, baixa autoestima e sentimento de inutilidade (PEREIRA; BRITO, 2006).

Segundo as autoras Pinheiro e Monteiro (2007) não existe uma demarcação clara da relação entre desemprego e saúde mental. Elas afirmam que, por vezes, uma doença mental apresentada por um desempregado repercute sua vida enquanto trabalhador, ou seja, é no trabalho que começam a surgir na vida desse indivíduo agravos a sua saúde mental, consequência de um modelo econômico – o capitalismo- que coloca no indivíduo a responsabilidade pelo seu sucesso ou fracasso, gerando sintomas quando empregado, e os intensificando quando se encontra desempregado.

A situação de não estar empregado promove nos indivíduos comportamentos variados como forma de defesa frente à sua 'não participação ativa na sociedade' ou como tentativa de resolução do problema, sendo estes o "[...] isolamento social, abuso de álcool e outras drogas, conflitos no âmbito familiar e social, apego exagerado ao

esporte ou religião, envolvimento com a criminalidade ou opção por trabalho informal” (GIATTI, BARRETO & CÉSAR, 2008; SANTOS, 2008; TERRA, CARVALHO & AZEVEDO, 2006; ARGOLO & ARAÚJO, 2004; TUMOLO L. & TUMOLO P., 2004; LIMA & BORGES, 2002, apud BARROS; OLIVEIRA, 2009, p. 90). Concomitante aos comportamentos descritos há a manifestação de sentimentos como “[...] desespero, perda de esperança, revolta e desorientação, pânico e vergonha, fracasso, inutilidade, incompetência, abandono e impotência (TUMOLO & TUMOLO, 2004; MOURA, 2001, apud CHAHAD; CHAHAD, 2005, p. 191) ”.

A partir do que os autores acima propõem, podemos identificar no discurso dos entrevistados apego à religião, como forma de se manter seguro e protegido frente aos males do desemprego, sendo muito comuns as afirmações "*tem que colocar Deus em primeiro lugar*" (E12) e "*tenho fé em Deus*" (E30). Não identificamos nenhuma associação com a criminalidade e uso de drogas, tampouco apego exagerado ao esporte.

Dos sentimentos que emergem nessa situação, destacamos tristeza, estresse, ansiedade, impotência, preocupação, dentre outros, que confirmam as hipóteses dos autores mencionados. Cabe ressaltar ainda, que, dos nossos entrevistados, identificamos dois casos de depressão, um caso de tentativa de suicídio e um internamento em clínica de reabilitação. Pode-se perceber um deslocamento de sintomas socioeconômicos, como preocupação com contas, falta de salário, para sintomas que agravam a saúde mental, como depressão, fobias, neuroses dentre outros (MONTEIRO; PINHEIRO, 2007). Uma fala em especial demarca o impacto desse sofrimento: "*a gente pensa tanta coisa, pensa em matar e pensa em morrer*"(E30).

Portanto, tonar-se necessário uma intervenção dos profissionais de psicologia e outras áreas da saúde a fim de lidar com o possível arranjo entre os comportamentos e sentimentos dos indivíduos desempregados que podem evoluir para quadros como “[...] gastrites, úlceras, desenvolvimento de cânceres, fadiga, síndrome do pânico, depressão, fobia social, ansiedade, entre outros” (SILVA, 2006, apud PINHEIRO; MONTEIRO, 2007, p. 41).

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partimos do desemprego como um problema global, para um recorte bem específico dessa problemática em nossa pesquisa. Constatamos a relação entre o desemprego e a saúde mental, que por vezes não é evidenciada e reconhecida pelo sujeito, mas que se manifesta nos discursos, o que demarca a necessidade de inserção de psicólogos que atuem ante essa realidade. Além disso, foi possível identificar o papel central que o trabalho ocupa na vida dos indivíduos, e as construções específicas e individuais que cada um tem deste.

Por fim, cabe ressaltar a necessidade políticas públicas que tenham sua atuação pautada não apenas na inserção dos indivíduos no mercado de trabalho, mas em programas voltados a assistência psicológica. Assim, ressaltamos a importância de deixar de quantificar o desempregado como um número ou dado estatístico, mas assisti-lo em sua dimensão subjetiva e individual.

## 5 REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Juliana T., et al. As estratégias de sobrevivência e de busca de emprego adotadas pelos desempregados. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 1, n. 1, 1998, p. 15-4.

BARROS, C. A. de; OLIVEIRA, T. L. de. Saúde mental de trabalhadores desempregados. **Rev. Psicol., Organi. Trab.**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 86-107, jun. 2009. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-66572009000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572009000100006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 26 jun.2019

BRAGA, Marcos A. da Silva. Desemprego: reflexão e discussão a partir de um depoimento. **Trabalho de Conclusão de Curso**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1999.

CALDANA, A. C. F.; FIGUEIREDO, M. A. de C. **Desemprego e subjetividade: Estratégias de inclusão social e sobrevivência**. Paidéia, v. 12, n. 22, 2002, p. 19-26.

CHAHAD, C.; CHAHAD, J. Os impactos psicológicos do desemprego e suas consequências sobre o mercado de trabalho. **Revista da ABET**, v. 5, n. 1, p. 179-218. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/abet/article/view/15693>>. Acesso em: 26 jun. 2019

GALEAZZI, Irene M. S. **Mulheres Trabalhadoras: a chefia da família e os condicionantes de gênero**. Mulher e Trabalho; FEE. Porto Alegre, 2001. P. 61-68.

Disponível em <http://cdn.fee.tche.br/mulher/2001/artigo4.pdf> Acesso em 06 de agosto. 2019

GALLIE, Duncan e PAUGAM, Serge. Regimes de bem-estar e a experiência do desemprego na Europa. Oxford, Oxford Press, 2000, cap. 1

IMPACTOS do desemprego: saúde, relacionamentos e estado emocional, 2018. Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br/wpimprensa/wp-content/uploads/2017/03/SPC-Analise-Desempregados-saude-e-emocoes.pdf>. Acesso em: 10 jul.2019

LUDEMIR, A. B. Desigualdades de classe e gênero e saúde mental nas cidades. **Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 451-467, sep. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312008000300005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312008000300005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 26 jun.2019

MOURA, Eliana Perez Gonçalves de. Subjetividade e desemprego. **Expressão Psi**, v. 5, n. 1, p. 61-79, 2001.

OLIVEIRA D.C. Análise de Conteúdo Temático-Categorial: uma proposta de sistematização. *RevEnferm (UERJ)*, Rio de Janeiro, v. 16, n.4, p.569-76, 2008. Disponível em:< <http://www.facenf.uerj.br/v16n4/v16n4a19.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2019.

PEREIRA, Maria Cecília; BRITO, Mozar José de. Desemprego e subjetividade no contexto brasileiro: uma análise interpretativa sob a ótica dos excluídos do mercado de trabalho industrial. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 6, n. 1, p. 143-181, mar. 2006.. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482006000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482006000100009&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 30 jun. 2019

PINHEIRO, Letícia Ribeiro Souto; MONTEIRO, Janine Kieling. Refletindo sobre desemprego e agravos à saúde mental. **Cad. psicol. soc. trab.**, São Paulo , v. 10, n. 2, p. 35-45, dez. 2007 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-37172007000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172007000200004&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 29 jun. 2019.

RIBEIRO, Marcelo Afonso. Estratégias micropolíticas para lidar com o desemprego: contribuições da psicologia social do trabalho. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo , v. 9, n. 18, p. 331-346, dez. 2009 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2009000200010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2009000200010&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 25 maio 2019.

ROCHA, Sônia. A inserção dos Jovens no mercado de Trabalho. **Cadernos CRH**, v.21, n.54, p. 533- 550, 2008.

SANTOS, M. de F.; SANTOS, E. A Identidade e trabalho: um estudo de caso. **Estudos de Psicologia**, v. 10, n. 3, p. 57-72, 1993.

TOLFO, Suzana da Rosa; PICCININI, Valmíria. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicol Soc.** Porto Alegre, v. 19, n. spe, p. 38-46, 2007. Disponível em

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822007000400007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000400007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 28 de maio de 2019.  
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822007000400007>